



O amor a Deus, aos pobres, ao estudo e a lucidez¹

Frei José Fernandes Alves, OP.²

O objetivo deste texto é apresentar uma reflexão sobre o estudo, um dos pilares da nossa vida dominicana, especialmente aos noviços e estudantes de filosofia e teologia. Proponho que o façamos a partir de um acontecimento que representou uma mudança radical de perspectiva de São Domingos de Gusmão: “não posso estudar em peles mortas, quando há tantas pessoas que morrem de fome”. Ele vende os livros para socorrer quem passa fome.

Pela sensibilidade e lucidez, a palavra a ser aprendida se fez carne, se tornou realidade. São Domingos estabelece um novo modo de conhecer, um outro ponto de partida. O estudo que ele passará a cultivar, a buscar e a orientar seus companheiros de pregação não será mais compartimentado, ideal, abstrato, mas um estudo cuja palavra germina da existência de homens e mulheres que são explorados, passam fome, são escravizados e privados da dignidade humana, que é dignidade de filhos e filhas de Deus. “Conhecer é ser. (...) o conhecer bem como o amar são atos de ser em intimidade consigo mesmo e em comunhão com o outro” (JOSAPHAT, 1998, p. 76). O estudo indicado por Domingos de Gusmão leva seus companheiros a assumirem um lado, a tomarem partido, não serem insensíveis, indiferentes, ambíguos e a superarem a ingenuidade diante do mundo e dos livros.

O giro feito por São Domingos nos possibilita a afirmar, com Paulo Freire,

que o ato de estudar é, no fundo, uma atitude frente ao mundo. Esta é a razão pela qual o ato de estudar não se reduz à relação leitor-livro, ou leitor-texto. Os livros em verdade refletem o enfrentamento de seus autores com o mundo. Expressam este enfrentamento. E ainda quando os autores fujam da realidade concreta estarão expressando a sua maneira deformada de enfrentá-la (FREIRE, 1981, p. 9).

O estudo deve se fundamentar no encontro, no diálogo e na comunhão, “contato físico e pessoal com a realidade. Essa é a força e a carga do aprendizado: pisar na lama e amassar o barro da vida real” (COSTA, 2015, p. 13). Deste contato, vem a necessária lucidez para viver um modo de estudar que seja expressão do amor a Deus e aos pobres. Assim, “quem estuda não deve perder nenhuma oportunidade, em suas relações com os outros, com a realidade” (FREIRE, 1981, p. 10).

O estudante deve superar o dualismo entre fé e vida, entre Deus e o mundo, entre o transcendente e o imanente. E isso se pode aprender com o próprio Deus que se encarnou em Jesus. Desde esse acontecimento qualquer dualismo foi abolido.

¹ Trata-se de uma reflexão, desejada e prometida, a partir do Seminário promovido pelos frades estudantes dominicanos no Convento Sagrada Família, na cidade de São Paulo, no dia 11 de agosto de 2018, oportunidade em que os mesmos socializaram a experiência vivida numa “missão de férias”, em julho daquele ano. Dos participantes do Seminário, apenas o autor deste texto não havia dado sua contribuição, por escrito.

² Prior Provincial da Província Frei Bartolomeu de Las Casas e coordenador da Comissão Dominicana de Justiça e Paz do Brasil.



A São Domingos não interessava um estudo “ideal”, mas um estudo vivo, que tem na realização do ser humano, em plenitude, o seu objetivo. E nós podemos encontrar essa marca em São Tomás de Aquino, em Bartolomeu de Las Casas e Antônio de Montesinos, Lilia Azevedo, Revi, Henri des Roziers, Tomás Balduino, Mateus Rocha, Lebret e muitos outros homens e mulheres que seguiram os passos de São Domingos “que, enquanto teve vida, produziu folhas, flores e frutos na vinha do Senhor”³.

Com esse giro de perspectiva, São Domingos se revela como uma pessoa atenta e sensível ao mundo no qual vive. A venda dos livros não significou a relativização desses instrumentos do conhecimento, mas, sim, um divisor de águas que estabeleceu um outro ponto de partida para adquirir a sabedoria necessária para pregar o Evangelho e anunciar novo céu e nova terra. A “sabedoria não deve ser entendida somente como conhecimento que advém do frio estudo, mas como um saber que se experimenta e saboreia” (LAUAND, 1998, p. 301).

Para experimentar, saborear, é preciso mergulhar na vida, no mundo daqueles e daquelas que nos revelam Deus, seus mistérios e sua sabedoria, matéria prima da teologia. E quem são esses? “São os espoliados da terra e das águas, e que podem ser reconhecidos nos índios, nos Sem-Terra, sem-teto, nos atingidos pela seca e pelas barragens, nas mulheres, nos refugiados, nas crianças, nos quilombolas e nos negros” (BARBOSA; MATA, 2014, p. 158).

Portanto, o estudante – e não apenas o que se encontra em uma etapa da formação inicial – que quer seguir Jesus nas pegadas de São Domingos deve entrar na escola dos pobres. Na Exortação apostólica Alegria do Evangelho, o Papa Francisco nos ensina que os pobres

têm muito para nos ensinar. (...). É necessário que todos nós deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles (2013, n. 198, p. 120)⁴.

E como entrar na escola dos pobres? Qual caminho, método, seguir? A resposta, a essas perguntas, vem de Deus, que no livro do Êxodo, disse a Moisés: “Eu vi muito bem a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor contra seus opressores, e conheço seus sofrimentos. Por isso, desci para libertá-lo do poder dos egípcios e para fazê-lo subir dessa terra para uma terra fértil e espaçosa, terra onde corre leite e mel (Êxodo, 3, 7-9). Entra-se na escola dos pobres pelo conviver, ouvir, ver, sentir. Com isso, o ato de estudar se encharca de vida e recebe outro sentido.

³ AQUINO, Tomás de. Carta sobre o modo de estudar.

⁴ FRANCISCO. Exortação apostólica “A Alegria do Evangelho”. Brasília: Edições CNBB, 2013.



Os magos, seguindo a estrela, encontraram-se com o Menino Deus, com Maria, sua mãe; a partir desse encontro, “partiram para a região deles, seguindo por outro caminho” (Mateus 2, 12). Nasce daí um modo de pensar e estudar regido pela responsabilidade. Um estudo que faz de mim uma pessoa capaz de responder aos apelos da realidade. Responsabilidade que é serviço, diaconia; atitude que, muitas vezes, provoca também medo, insegurança, desconforto, mudança de prioridades, perda de “amigos” ...

Os magos poderiam ter ficado com a “amizade” de Herodes, entregando Jesus, Maria e José. Mas, escolheram o caminho da vida e não da morte, mesmo sabendo do desafio de encontrar outro caminho para retornar para casa. Na tradição Dominicana, Las Casas, Montesinos e seus confrades, poderiam ter escolhido ficar com os latifundiários e senhores de escravo da América e poderosos da Espanha. No entanto, atualizaram a escolha dos magos em suas vidas, uma vez que, nas circunstâncias em que viviam, permanecer em silêncio ante tanto sofrimento e exploração seria o equivalente a entregar Jesus. “Na prática, quem não opta pelos pobres, opta pelos ricos”⁵.

Desse modo, o estudo

deve nos levar a buscar a verdade, a dizer a verdade. Qual verdade? (...) Aquela que nos inquieta constantemente para irmos não somente em busca de nós mesmos, mas além de nós mesmos, para que nós e nenhum de nossos semelhantes percamos o rosto, a humanidade, a dignidade, a imaginação, a sensibilidade, a capacidade de pensar, de se indignar, de amar e de agir diante de um mundo que tem insistido na naturalização da insensibilidade e esquecimento do ser (BARBOSA, 2008, p. 11)

Para isso acontecer é preciso ir muito além de um estudo instrumental, um estudo que se reduza à produção de competências e habilidades, como se a missão se limitasse ao fazer e fazer para. Faz-se necessário um estudo que possibilite não apenas responder a pergunta do especialista em leis: “quem é o meu próximo?” Mas, mais do que a ela, a pergunta de Jesus: “qual dos três foi o próximo do homem que caiu na mão dos assaltantes?” (Lucas 10, 36).

Esta pergunta pode ser atualizada no seguinte questionamento: quem tem sido o próximo dos defensores e defensoras dos Direitos Humanos, que estão sendo perseguidos, assassinados? Estou me fazendo próximo das juventudes, em especial das juventudes pobre e negra, das mulheres e dos LGBTIs, que têm sofrido todo tipo de violência e, também, o extermínio? Dos homens e mulheres que vivem em situação de rua ou estão sendo escravizados nas indústrias e no latifúndio?

O estudo deve ajudar o jovem estudante – que deseja ser um pregador itinerante pelas estradas da vida – a responder as perguntas listadas acima. E mais prepará-lo para decidir se quer passar adiante como o sacerdote, o levita ou ser como o samaritano. A sensibilidade ética ante o mundo e suas realidades (des)humanas deve ser o ato primeiro, do qual decorre todo e qualquer estudo. Estudar está relacionado com um modo de ser amoroso e desperto no mundo, como uma sentinela a perguntar: “estes não são humanos?”. A legislação da província dos frades dominicanos do Brasil nos adverte

⁵ Capítulo Geral de Roma, Atas, 1983, n° 234.



Que todo o processo formativo nos leve, na experiência adulta da fé, a nos comprometer a sermos coerentes com aquilo que estudamos, anunciamos e vivemos. Assim, nos mantendo informados e comprometidos a interpretar a realidade e os sinais dos tempos, a partir do Evangelho, estabelecemos um diálogo com a realidade em que vivemos, a qual está cheia de questionamentos e incertezas (DOMINICANOS, 2018, p. 30-31).

Na tradição dominicana, o estudo se tornou um estilo de vida, um valor religioso fundamental e uma obrigação permanente, não por gosto à erudição ou a titulações acadêmicas, mas para ser útil à evangelização, à missão, em cada período da história. Os “frades, então enviados a Universidades, não são simples estudantes, mas pregadores ativos” (Frei Carlos Josaphat). No mundo em que vivemos hoje, o desafio da formação e do estudo é não deixar que o frade seja um simples estudante, mas um pregador em ação. Em tempos de tantas mentiras e superficialidades circulando na sociedade, como viver, estudar e testemunhar a busca da Verdade? Acredito que a resposta virá se o frade deixar-se fascinar pela audácia evangélica, que deverá fecundar todo estudo.

A história nos ensina que toda renovação de vida religiosa se tem concretizado na proximidade com os pobres, conforme as exigências e circunstâncias de cada época. O surgimento das Ordens mendicantes transformou, radicalmente, o velho esquema da vida religiosa. Nos tempos de São Domingos, não faltavam miséria e fome na Espanha; ele testemunhou a dramática situação das massas miseráveis, a enorme desigualdade entre ricos e pobres, fruto de um sistema de propriedade essencialmente injusto e anticristão.

São Oscar Romero sublinhou que “na América Latina, são os pobres que nos dizem o que é o mundo e qual é o serviço que a Igreja deve lhe prestar”⁶. Nesta hora – particularmente de Brasil e de América Latina – recordar a sensibilidade e a lucidez de São Domingos é fundamental, é decisivo. Ele poderia ter escolhido ficar com os livros, com a estabilidade da sacristia e do convento, mas não o fez. Ele escolheu estar no caminho com olhos abertos, cultivando a oração, a vida comunitária, o estudo e a pregação, na companhia dos que mais sofrem, para se tornar sábio e ser fecundo testemunha do Evangelho.

Referências

AQUINO, Tomás de. Carta sobre o modo de estudar. In: LAUAND, Jean Luiz. Cultura e educação na Idade Média.

BARBOSA, Flávio Alves; Denise Mata. Justiça e Paz e Juventude: desafios. OLIVEIRA, Jelson; ALVES, José Fernandes; ALMEIDA, Vilma Ribeiro de. Advertências e esperanças: justiça, paz e direitos humanos. Goiânia: Ed. Da PUC-GO, 2014, p. 157-165.

⁶ Citado por SOBRINO, Juan. BARO, Martin. CARDENAL, R. La Voz de los sin voz. San Salvador. 1980, p. 51



BARBOSA, Flávio Alves. Tomás de Aquino e a educação. Texto mimeo.

COSTA, Carlos. O papel do docente hoje é fazer parceria com os alunos. Disponível em: <<https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/o-papel-do-docente-hoje-e-fazer-parceria-com-os-alunos>>. Acesso em: 01/08/2015.

FRADES DOMINICANOS. Atas do 6* Capítulo Provincial dos Dominicanos do Brasil e Estatuto da Província Frei Bartolomeu de Las Casas. Goiânia: Scala Editora, 2018.

FRANCISCO. Exortação apostólica “A Alegria do Evangelho”. Brasília: Edições CNBB, 2013.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

JOSAPHAT, Carlos P. de Oliveira. Tomás de Aquino e a nova era do espírito. São Paulo: Loyola, 1998.